

Clausewitz: trajetória e contribuições teóricas de um general prussiano sobre a guerra

Marcelo de Jesus Santa Bárbara*

Introdução

Clausewitz é mais lido atualmente do que no século XIX, quando escreveu a célebre obra *Vom Kriege (Da Guerra)*. Durante o século XX, passou a ser considerado um clássico no campo dos estudos estratégicos (PARET, 2001; LUTTWAK, 2009). Neste início de século XXI, pode ser visto, apesar das críticas (KEEGAN, 1995), como um teórico que é presença fundamental quando o assunto é o estudo da guerra (VISACRO, 2018). Quem foi Clausewitz? Como surgiram suas teorizações? Quais foram as contribuições teóricas mais relevantes desse autor prussiano? Em que medida sua teoria é ainda instigante atualmente quando se trata da guerra do futuro?

O artigo tem por objetivo apresentar aspectos da trajetória de vida e contribuições teóricas do general prussiano sobre a guerra. Para tanto, além da introdução e das considerações finais, este artigo está dividido em três seções. A primeira apresenta aspectos relevantes da vida e obra do autor, considerando sua experiência como soldado. A segunda seção tratará de contribuições teóricas contidas na obra *Da Guerra*, em especial no *Livro I*. A terceira seção situará, resumidamente, o fenômeno da guerra em contextos de transição no equilíbrio de poder no sistema internacional.

Clausewitz: vida e obra do estrategista prussiano

Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz (1780-1831) nasceu na pequena cidade de *Burg*¹, quarto filho de uma família burguesa que reivindicava nobreza em

função da força e tradição familiar (PARET, 2001). O fato é que, após a morte de Frederico, o Grande, que não desejava o ingresso de não nobres no corpo de oficiais do Exército, Clausewitz e dois de seus irmãos ingressaram como cadetes do Exército. Chegariam ao posto de general.

Filho de um tenente do exército, a experiência acumulada desde jovem, no dia a dia de sua “vida regimental”, possibilitou a imersão nas lides castrenses, forjando sua personalidade a ferro, sangue e fogo². Seu batismo de fogo ocorreu aos 12 anos, quando ele entrou em combate na campanha militar que expulsaria os franceses da Renânia, em 1793. O cenário, contudo, mudaria naquela época. Como descreveu René Girard, Clausewitz até então

Orgulhoso, como todos os seus colegas, do poderio recente de seu país, considerou um desastre a derrota de Iena, em 1806, para o Exército de Napoleão. Essa derrota (o Rei Frederico Guilherme III refugiou-se na Prússia oriental enquanto as forças francesas ocupavam o país inteiro) reavivou nos oficiais a humilhação de Valmy, quando, a 20 de setembro de 1792, Frederico Guilherme II, sucessor de seu tio Frederico, o Grande (amigo de Voltaire), viu o Duque de Brunswick ordenar a retirada, diante de um *fenômeno inédito...* (GIRARD, 2011, p. 37, grifo nosso)

O *fenômeno inédito* presenciado pelo jovem Clausewitz foi a formação da nova “máquina de guerra” de Napoleão Bonaparte. Naquele contexto, o revolucionário “exército de cidadãos” (*culs-blancs*) somou-se a um exército profissional (*bleuets*) e inaugurou o que

* Maj QCO Mag Geo (EsFCEEx/2001, EsAO/2011). Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares/2016. Mestrado em Geografia (UFF/2001); Especialização em Relações Internacionais (UCAM/2008); Mestrado em Estudos Estratégicos (UFF/2012), doutorando em Estudos Estratégicos (UFF, em curso). Instrutor de Geopolítica e Relações Internacionais na AMAN (2001-2009), tutor de Geografia na Divisão de Preparação e Seleção (DPS) da ECEME (2010, até a presente data) e palestrante na área de Geopolítica da América do Sul e Entorno Estratégico no Curso de Geopolítica da ECEME nos anos de 2018 a 2021.

seria a expansão revolucionária da França sobre toda a Europa (GIRARD, 2011).

Logo, pode-se argumentar que as inovações revolucionárias empreendidas por Napoleão encetaram um misto de admiração e ressentimento de Clausewitz para com o novo modo napoleônico de se fazer a guerra, sendo, por isso, a questão emocional outro aspecto importante na perspectiva que seria desenvolvida pelo autor de *Da Guerra*. Desse modo, a experiência que o jovem prussiano teve no campo de batalha, de presenciar o líder Napoleão e o exército francês em ação, poderia bem ser interpretada como uma espécie de iniciação, uma experiência concreta que marcaria sua teoria e o seu envolvimento no projeto de transformação do exército e da sociedade prussiana (GIRARD, 2011).

A captura e a experiência vivida na França foram outros traços importantes na trajetória do prussiano. Em 1806, ao fim das batalhas em Auerstedt e Jena, ele e o príncipe Augusto foram levados para a França, onde tiveram relativa liberdade de movimento. No país de Napoleão, travou conhecimento com a cultura e sociedade³ francesas. A alteridade fez com que o jovem Clausewitz visse a Prússia sob uma nova perspectiva intelectual e emocional. O fato é que, naquele momento, por oposição ao que conheceu em terras francesas, ele diagnosticou um exército prussiano antiquado e equipado com materiais obsoletos. Mais do que isso, viu uma perspectiva de guerra centrada apenas na força militar, que ainda isolava do poder militar determinantes existentes na sociedade como um todo. Ressalta-se que, segundo Peter Paret (2001), a Prússia de então considerava a guerra como um problema que era somente do exército, isto é, como se o campo de batalha fosse algo isolado da política.

Clausewitz parece ter percebido que a sociedade prussiana vivia em uma condição de passividade, não sendo possível extrair resultados potenciais de energia e idealismo da população. Então, o que ele almejava? Um processo de transformação do exército no sentido de incorporar outros meios, em especial à política, ao esforço de guerra⁴. De fato, o general Scharnhorst, que era seu amigo, foi o encarregado da comissão destacada para modernizar as instituições militares da Prússia, afetando não somente o exército, mas a economia e a

sociedade, “desde a política para a convocação de homens até o projeto de mosquetes e o desenvolvimento de doutrinas operacionais e táticas atualizadas” (PARET, 2001, p. 265). Desse modo, Clausewitz juntou-se à comissão revisora dos novos manuais de infantaria e cavalaria, mas foi muito além. Com o fito de ampliar a transformação, Clausewitz foi o chefe de gabinete de Scharnhorst, posição que o colocou no centro do movimento reformista do exército prussiano.

Posteriormente, Clausewitz dirigiu a Escola Militar de Berlim nos últimos 13 anos de sua vida, justamente o período usado para escrever a obra *Da Guerra*. Em síntese, por sua vivência, Clausewitz teve a oportunidade de conhecer os problemas intelectuais, técnicos, organizacionais e políticos de um exército que precisava ser reconstruído, mobilizando as forças sociais já existentes.

Da Guerra: contribuições teóricas

Clausewitz começou, em 1819, a escrever *Da Guerra* e consumiu oito anos para completar as seis partes. Rascunhou os livros VII e VIII antes de morrer e os encaixotou. Ele reiniciou a revisão da obra em 1827, mas não acabou de escrever o livro. Com a crise polonesa, foi nomeado chefe do Estado-Maior do Exército prussiano, liderado pelo marechal Gneisenau, outro importante reformador do exército, que faleceu aos 51 anos, vítima da epidemia de cólera que assolou a Europa à época⁵.

Destarte, a obra está dividida em 128 capítulos e seções, reunidos em 8 livros. O problema central explicitado por Clausewitz consiste em saber *o que é a guerra*. Para se entender os desdobramentos de tal problema, precisa-se ter em mente quais foram alguns dos principais pontos discutidos por Clausewitz. Obviamente, não se pode e nem se almeja esgotá-los aqui. Para tanto, explora-se apenas achados contidos no *Livro I*.

A fim de entender o que é a guerra, o autor reconhecia que a exigência da violência absoluta ou extrema, “embora logicamente válida, raramente era atendida na realidade” (CLAUSEWITZ, 2014, p. 21). Ao mesmo tempo, Clausewitz buscou confrontar a teoria com a empiria de sua experiência e com estudos de caso concretos que envolviam o estado da arte da guerra de sua época. Somente assim chegou a uma síntese:

a violência pode ser controlada e não chegará ao seu extremo, tendendo a se afastar da forma absoluta e se aproximar de formas limitadas. Como isso se daria? Que controle seria esse?

Inicialmente, Clausewitz definiu a guerra usando a imagem de um duelo, só que em escala mais vasta (CLAUSEWITZ, 2014, p. 75). Desse modo, para ele, a guerra, uma vez desencadeada, seria algo diferente de tudo o que existe na sociedade. Logo, também não poderia ser vista como quem descreve a ação de uma força viva sobre objetos que não reagem. Assim, a ausência de resistência não seria de modo algum algo encontrado na guerra real. Pelo contrário, a guerra sempre seria “o choque de duas forças vivas” (CLAUSEWITZ, 2014, p. 78).

À primeira imagem do duelo soma-se a de submissão da vontade da outra parte por meio da violência: “(...) um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade” (CLAUSEWITZ, 2014, p. 1). Destaca-se que o objetivo da guerra seria desarmar o inimigo, neutralizando mesmo sua vontade de continuar lutando. Logo, entendia Clausewitz que um brutal choque de vontades armadas poderia desencadear, em um plano ideal, uma escalada de violência ao extremo.

A escalada de violência apresentada pelo autor prussiano descreve um mecanismo que é movimentado por uma espécie de comportamento de emulação. A ideia de que violência gera mais violência se encaixa perfeitamente no caso descrito, e isso seria mutuamente incentivado em grupos que lutam, no limite, para continuar existindo. Na guerra, por força dessa condição extrema, o lado que exercer violência mais imoderadamente tenderá a ser capaz de infligir mais danos ao inimigo (CLAUSEWITZ, 2014). Para Clausewitz, por força desse imperativo, o partido adversário é impelido a reagir no mesmo grau de violência, abandonando suas perspectivas ou mecanismos de moderação. A passagem a seguir ilustra bem as imagens apresentadas,

As forças combatentes devem ser destruídas: isto é, *devem ser colocadas em uma situação tal que não possam continuar lutando*. Sempre que empregamos a expressão “destruição das forças inimigas”, é somente isso que queremos dizer (*grifo nosso*). O país deve ser ocupado, se não o inimigo pode organizar novas forças

militares. Embora essas duas coisas possam ser feitas, a guerra, que é a animosidade e os efeitos recíprocos de elementos hostis, não pode ser considerada terminada enquanto não tiver sido quebrada a determinação do inimigo: em outras palavras, enquanto o governo inimigo e os seus aliados não forem levados a pedir a paz, ou enquanto a população não for levada a se render. (CLAUSEWITZ, 2014, p. 94)

A destruição das forças armadas inimigas, portanto, está posta por Clausewitz. Não há como negar. Na teoria, as guerras poderiam ser ilimitadas (as que se aproximam do conceito da guerra absoluta), todavia, na prática, as guerras são limitadas pelos objetivos políticos dos Estados e de outras questões que surgem ao longo do combate. Como se vê na passagem a seguir:

Ainda assim, como mostrei acima, logo que têm início os preparativos para uma guerra, *o mundo da realidade assume o controle do mundo do pensamento abstrato* (grifo nosso). Os cálculos materiais tomam o lugar dos extremos hipotéticos e, senão por qualquer outra razão, a interação entre os dois lados tende a ficar aquém do esforço máximo. A totalidade dos seus recursos não seria, portanto, mobilizada imediatamente. (CLAUSEWITZ, 2014, p. 80)

Assim, fica evidente que, à tese da guerra ideal e da destruição absoluta, é interposta a antítese de que ela é sempre influenciada por questões e meios diversos, características específicas dos Estados em conflito, e pelas características gerais da ocasião, seus elementos econômicos, tecnológicos e sociais⁶.

A guerra é um fenômeno dominado por elementos de incerteza e acaso. Além disso, as limitações existentes na guerra real eram fruto das assimetrias e diferenças entre ataque e defesa⁷. Cabe destacar que, segundo Clausewitz (2014, p. 99),

do propósito defensivo advém todas as vantagens, todas as formas mais eficazes de combater e nele está expressa a relação dinâmica existente entre o tamanho do êxito e a probabilidade de ele ser obtido.

Existe aí a ideia de ponto culminante e progressivo enfraquecimento das forças que se movimentam em profundidade no território inimigo.

Assim, o conceito de *fricção* é outro elemento importante que está no *Livro I*, pois “tudo é muito simples

na guerra, mas a coisa mais simples é difícil” (CLAU-SEWITZ, 2014, p. 131). As dificuldades se acumulam na guerra. Eis então a fricção, que está sempre presente. É a fricção que melhor distingue a *guerra real* da *guerra no papel ou ideal*. A fricção envolve elementos muitas vezes imprevisíveis e que dificultam o movimento. O meio geográfico, as ações do inimigo, as condições meteorológicas, falhas nos equipamentos, dentre outras.

O gênio militar aparece aí, diante das dificuldades. A guerra levaria os homens ao limite físico, sendo impregnada de fatores morais:

Como o perigo é o elemento comum no qual tudo se movimenta na guerra, a coragem, a percepção da sua própria força, é o principal fator que influencia o discernimento. É a lente, por assim dizer, através da qual a impressão passa para o cérebro. (CLAUSEWITZ: 2014, p. 150)

A exploração da incerteza sobrepujando a fricção e a transformação do imprevisível em vantagem são os elementos não quantificáveis:

a força intelectual e psicológica do comandante e de seus subordinados; o moral, espírito de autoconfiança do exército; determinados atributos temporários ou permanentes da sociedade que se refletem nos soldados – entusiasmo pela guerra, lealdade política e energia. (PARET, 2001, p. 279)

Destarte, a guerra, então, nunca seria um ato de força isolado, desencadeado por especialistas militares e por eles finalizado. Na verdade, ela seria um *pool* de aspectos complexamente interdependentes e sucessivos. A guerra que Clausewitz teorizou demandava o maior dispêndio possível dos meios existentes em um país e da vontade nacional em participar do esforço total, dentre outros. A leitura de Peter Paret (2001, p. 284) corrobora que o propósito político pelo qual a guerra é travada determinaria os meios que seriam empregados, a espécie e o grau do esforço requerido ao Estado. Assim, o propósito político também determinaria o objetivo militar. Apesar de algumas vezes serem idênticos, em outros casos, não. Logo, tanto pode ser necessário destruir as forças armadas do inimigo e ocupar os centros decisórios políticos ou econômicos; ou apenas será suficiente repelir um ataque junto à fronteira.

A imagem que remete à capacidade da guerra de mudar de aparência conforme o meio é outro ponto que precisa ser destacado na obra. Para Clausewitz (2014, p. 92-93) “a guerra é mais do que um verdadeiro camaleão, que adapta um pouco as suas características a uma determinada situação”. Entendeu-se a guerra como um fenômeno total.

As tendências predominantes na guerra sempre a tornariam uma “trindade paradoxal”. Logo, a teoria clausewitziana propõe a ideia de equilíbrio dinâmico entre três tendências “como um objeto suspenso entre três ímãs” (CLAUSEWITZ, 2014, p. 93). Sendo assim, o modelo trinitário proposto pelo general prussiano seria composto por três elementos básicos: (a) a violência e a paixão; (b) a incerteza, o acaso e a probabilidade; e (c) o propósito racional e efeito político.

Guerra em contextos de transição

A proposta de se fazer um panorama sobre a continuidade e importância do legado de Clausewitz encontra sentido ao olharmos para três momentos que possuem conexão (fato muito usado pelos críticos do autor prussiano): (a) a Era Napoleônica; (b) as duas Grandes Guerras; e (c) a Guerra Fria. Os eventos têm como pano de fundo as condições materiais representadas pelo surgimento e transição da Era Industrial para a Era da Informação (VISACRO, 2018).

A obra *Da Guerra* surgiu no século XIX inspirada pela revolução gerada pelas Guerras Napoleônicas. Era um contexto de transição da era pré-industrial – quando a guerra se caracterizava por grandes batalhas campais com o emprego sincronizado de tropas emassadas em formações que se assemelhavam a desfiles militares (VISACRO: 2018, p. 102) – para a Era Industrial. Como apresentado, foi nesse contexto que Clausewitz iniciou os manuscritos de estratégia que se transformariam em *On War*, ainda impactado pelo espírito do tempo que viu passar diante de si nos campos de batalha na Europa.

Os cidadãos marseheses, que foram a Valmy dar apoio a um exército profissional, não se contentaram em dar à França um hino nacional: eles anunciaram uma nova era, a da mobilização total. Iena foi uma das

vitórias mais rápidas de Napoleão: derrotou os adversários em três minutos! (GIRARD: 2011, p. 37)

Visacro (2018) destaca que, em meados do século XIX, a Revolução Industrial, que se processava na Europa e, mais tarde, nos Estados Unidos e Japão, mostrou que esse modelo emassado de se fazer guerra seria progressivamente superado⁸ pelo aumento do poder de fogo no campo de batalha. Ao mesmo tempo, grandes exércitos demandam suprimentos de diferentes classes – alimentos, munições e fardamento, por exemplo. Clausewitz, então, compreendeu o poder que o *levée en masse* trouxera para o exército francês. A industrialização, a conscrição e a mobilização total da nação foram as lições aprendidas naquele momento, assim como a ideia de ponto culminante do ataque ficou evidente quando *Grand Armée* marchou com aproximadamente meio milhão de homens em território russo, estendendo demasiadamente a sua cauda logística e, no limite, fracassando.

De todo modo, o estrategista prussiano entendeu que a transformação militar francesa possibilitou que Napoleão atingisse objetivos políticos de envergadura muito maior do que possibilitavam os exércitos do antigo regime. Por conseguinte, a estratégia de Clausewitz se notabilizou por descobrir os recursos (de toda natureza) que poderiam ser úteis aos soldados, conforme os objetivos políticos pré-estabelecidos, mas que poderiam caminhar em uma escalada rumo ao extremo da aniquilação.

Por oposição, tem-se a perspectiva crítica de René Girard (2011) sobre Clausewitz. Para o autor francês, o prussiano tanto foi incentivado quanto potencializou a rivalidade franco-alemã com resultados catastróficos, no contexto histórico e geopolítico da virada do século XIX/XX. Esse seria um exemplo de um tipo de *rivalidade mimética*. E é essa rivalidade mimética Clausewitz x Napoleão, portanto, uma das modulações da rivalidade mimética franco-alemã, que tanto impacto gerou no cenário europeu e mundial.

O atrito sustentado pelo fogo era o fator determinante da vitória (VISACRO, 2018, p 104). Com efeito, o século XX trouxe à tona essa realidade, que foi amadurecida ao longo do século XIX. Fruto disso, a Primeira Guerra Mundial inaugurou uma era de extremos,

quando o fenômeno da guerra caminharia para um ápice de destruição. Mais de 10 milhões de mortos até o armistício e aproximadamente 40 milhões ao fim da Segunda Grande Guerra. Além do fogo, o movimento, com o emprego de formações blindadas, combinadas com o apoio de fogo de artilharia e aviação fariam a diferença durante a década de 1940, cabendo ao general Heinz Guderian ressuscitar antigos ensinamentos de J.F.C Fuller e Lidel Hart para aplicar na *Blitzkrieg* (guerra relâmpago). Novamente, o aumento da capacidade de destruição das forças armadas nacionais foi imputado aos ensinamentos de Clausewitz contidos na obra *Da Guerra*.

A perspectiva mimética atribuída à Clausewitz, nesse contexto de mútua destruição assegurada, pode ser expressa por meio das rivalidades entre superpotências durante a vigência da Guerra Fria (EUA x URSS) e, atualmente, entre EUA e China. Isso exemplificaria, de forma esquemática e simplificada, as ideias de duelo, choque de vontades e possibilidade de se chegar ao extremo da violência *versus* limitação imposta pelas fricções e pela política.

Assim, autores como John Keegan (1995) se perguntavam como seria possível atenuar os efeitos do modo de guerra clausewitziano. Teria Clausewitz aberto a caixa de Pandora ou tornado o cavaleiro do apocalipse guerreiro o mais poderoso de todos? Por exemplo, para Keegan, o legado do general prussiano gerou uma progressiva militarização da Europa. A guerra fez do século XX uma era de ansiedade endêmica e calamidades pessoais, culturais, arquitetônicas, dentre outras. A guerra no século XX, inclusive, superou a fome e a doença na hierarquia das ameaças no mundo civilizado.

Considerações finais

A guerra é um instrumento da política. Isso é que lhe confere sentido. É ainda importante frisar que a teoria de Clausewitz surgiu da vivência no campo de batalha. Trata-se de uma práxis (associação entre teoria e prática). Para além do bem e do mal, seu legado é impactante, pois buscou discutir o significado bélico em toda sua complexidade de forma integrada ao mundo social.

Em resumo, as ideias contidas no artigo são as seguintes:

(1) comparação da guerra com um duelo entre oponentes armados, só que em escala ampliada para o sistema de Estados;

(2) choque de vontades entre duas forças vivas, isto é, um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se, sendo desarmado ou destruído, neutralizando mesmo sua vontade de continuar lutando;

(3) escalada da violência, o que no texto foi associado a um mecanismo de emulação. Por força desse imperativo, o partido adversário é impelido a reagir no mesmo grau de violência, abandonando suas perspectivas ou mecanismos de moderação;

(4) ideia de que a guerra é um fenômeno dominado por elementos de incerteza e acaso. O gênio militar aparece aí, diante das dificuldades;

(5) fricção e “névoa da guerra”, o que envolve elementos muitas vezes imprevisíveis e que dificultam as decisões: o meio geográfico, as ações do inimigo, as condições meteorológicas, falhas nos equipamentos, dentre outras;

(6) a analogia com o Camaleão. A imagem que remete à capacidade da guerra de mudar de aparência conforme o meio é outro ponto que precisa ser destacado na obra;

7) “trindade paradoxal”. A teoria clausewitziana propõe a ideia de equilíbrio dinâmico entre: (a) a violência e a paixão; (b) a incerteza, o acaso e a probabilidade; e (c) o propósito racional e efeito político.

Conclui-se que a guerra no presente e a *guerra do futuro*, que será dominada pela tecnologia, ainda demandam muito das contribuições de Clausewitz. A visão do autor prussiano sugere a relevância de se prepararem as forças armadas para atuar em combates predominantemente interestatais. Ao mesmo tempo, seus ensinamentos também são compatíveis para ambientes em que ameaças híbridas sejam um elemento adicional ao perigo convencional. A proliferação das ameaças cibernéticas faz da informação (narrativa) um elemento im-

portante no jogo da guerra. Assim, o efeito moral das operações psicológicas e o controle das mídias sociais podem ter diversos desdobramentos para a consecução de objetivos políticos por parte dos Estados.

Além disso, a “fricção” e a “incerteza ou acaso” continuam extremamente relevantes no que diz respeito, por exemplo, à ciência que envolve os movimentos e suprimentos nos teatros de operações. Eles estão diretamente ligados à logística, transformando-a em um elemento fulcral no entendimento da geopolítica e dos desdobramentos da guerra nesse século XXI, sejam em âmbito regional ou mundial.

O modelo trinitário foi uma ferramenta poderosa de análise para questões que envolviam guerras interestatais clássicas da Era Industrial em conflitos de grande proporção. Naquele contexto, a vitória política consistia em destruir as forças armadas e ocupar o território do país inimigo. Será que isso, todavia, ainda é válido para a guerra na Era da Informação, na qual o inimigo se organiza em redes transfronteiriças? E quanto a contextos em que a ameaça à segurança estatal envolva a atuação de atores não estatais e/ou não militares?

Atuando em grandes concentrações urbanas, cartéis de drogas latino-americanos e grupos terroristas, por exemplo, podem ser capazes de emular forças armadas estatais em poder de combate. É possível que operações militares contra tais atores possam combinar, cada vez mais, características da guerra irregular com o combate convencional. Com efeito, sem deixar de ter objetivos políticos, as *guerras do futuro* tenderão a ter curta duração e a ocorrer em áreas densamente povoadas.

Por fim, dizia o general prussiano, que a guerra se parecia muito com um jogo de cartas ou de azar. Se pessimista ou otimista, o certo é que nos brindou e provocou ao mesmo tempo. Assim, ele o fez ao demonstrar que, dentre toda a gama de atividades humanas, a guerra era, foi e será um fenômeno social enigmático! Pensemos a guerra! 

Referências

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. Martins Fontes: São Paulo, 2014. “Livro I – A Natureza da Guerra”.

KEEGAN, John. **Uma História da Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GIRARD, René. **Rematar Clausewitz**: além da Guerra. É Realizações; 1ª Edição, 2011.

LUTTWAK, Edward. **Estratégia**. A lógica da Guerra e da Paz. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001.

PARET, Peter. **Clausewitz**, in Peter Paret (org.). Construtores da Estratégia Moderna – Tomo 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros**: a Reflexão Francesa Sobre a Diversidade Humana 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

VISACRO, Alessandro. **A Guerra na Era da Informação**. São Paulo: Contexto, 2018.

Notas

¹ Burg bei Magdeburg é uma cidade da Alemanha, no Estado de Saxônia-Anhalt, capital do Distrito de Jerichower Land.

² Entende-se aqui que a trajetória de vida castrense gera experiências e percepções no estrategista que refletiam uma práxis, pois o autor associava teoria e prática dialeticamente.

³ É um termo constante dos estudos antropológicos sobre a construção da identidade para designar a relação social de contato com o outro (TOROROV, 1993). Em síntese, seria por oposição ao outro que um grupo constrói sua identidade cultural.

⁴ Naquele momento, o militar prussiano pareceu ter compreendido o que precisava ser feito para se igualar e superar a França em poderio. Destarte, era preciso capitalizar politicamente os acontecimentos negativos de Jena a fim de criar uma narrativa que ajudasse a “refundar tudo” (GIRARD, 2011, p. 38).

⁵ Em 1832, *Da Guerra* foi publicado, fruto do esforço de sistematização e edição de sua esposa Marie von Clausewitz (nascida Condessa de Bruhl).

⁶ A guerra nunca era um ato contínuo de violência extremada. Existiam pausas frequentes, estudos de situação e retomadas de movimentos. Por causa disso, Clausewitz escreveu que a guerra era a continuação da política com a entremistura de outros meios, em especial a expressão militar do poder.

⁷ A defesa seria a manutenção de um *status quo* na guerra, pois o defensor possui vantagens comparativas, como, por exemplo, o conhecimento do terreno. Ao ataque caberia alterar a situação da forma mais rápida o possível.

⁸ A esse respeito, ver a explicação que Alessandro Visacro (2018, p. 103) faz sobre o malogro dos exércitos inglês, confederado e brasileiro, respectivamente, durante a carga da brigada ligeira em Balaclava (1854), o dramático ataque da infantaria confederada comandada pelo general Pickert em Gettysburg (1863) e brasileiro diante das trincheiras de Curupaiti (1868), na Guerra da Tríplice Aliança.